

Prisioneiro

Prometeu algemado à cruz das dores,
 Bendize, em pranto, a divinal sentença
 Que te guarda no mundo a alma suspensa,
 Entre abismos, angústias e pavores.

Na treva dos gemidos remissores,
 Abre o sacrário virginal da crença
 E fita a vastidão divina e imensa,
 Estrelada de sonhos e esplendores...

Do céu que buscas torturado e crente,
 Desce a esperança milagrosamente
 Por níveo anjo sobre a estranha grade...

E encontrarás chorando de alegria,
 Além da noite dolorosa e fria,
 O caminho da Eterna Liberdade.

CRUZ E SOUZA

O enjeitado

Mulher moça abandona, em grande pátio imundo,
 O filhinho que, em vão, lhe dera a vida ao seio;
 Depois, vende prazer, comprando, a bolso alheio,
 A posição faustosa e o renome infecundo.

Corre o tempo... Mais tarde, aos empuxões do mundo,
 Certa noite, ela aguarda alguém para recreio...
 Entra um jovem ladrão, abre-lhe o cofre cheio,
 A dama roga auxílio e agarra o vagabundo...

Ele brande o punhal e o sangue se lhe verte...
 Agonizante, fita — embora o corpo inerte —
 O rapaz que lhe furtáa as jóias do peitilho;

Súbito, encontra nele o enjeitado de outrora,
 E, tarde, a pobre mãe de balde grita e chora:
 — «Perdoa-me, Senhor!... Não me mates, meu filho!...»

NARCISA AMÁLIA